

ESTUDO DAS HABILIDADES SOCIAIS EM PAIS DE FILHOS INTERNADOS POR USO ABUSIVO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Diego Victor Belo Lima¹ | Leila Milka e Freitas² | Vanderlúcia Felix Amorim Silva³ | Dalnei Minuzzi Delevati⁴

Psicologia



ISSN IMPRESSO 2316-6738
ISSN ELETRÔNICO 2317-1685

RESUMO

O presente artigo de revisão tem como objetivo apresentar a importância do Inventário de Habilidades Sociais (IHS – Del Prette) voltado para o ambiente familiar, onde os pais são em muitas vezes um fator principal para que os seus filhos tenham uma conduta desviante, ou seja tornam-se dependentes químicos. O presente estudo ressaltará o surgimento desse instrumento através de como se dá o processo da dependência química por uso de substâncias psicoativas e como a mesma se instala no ambiente familiar. As experiências familiares durante a infância e a adolescência têm sido reconhecidas como influências importantes no que diz respeito à delinquência juvenil e ao comportamento criminoso do adulto, bem como em relação ao abuso de drogas, tanto entre adolescentes quanto entre adultos. Portanto surge o interesse e a relevância de se avaliar as influências que as variáveis supracitadas exercem sob a dependência química dos pacientes.

PALAVRA-CHAVE

Habilidades Sociais. Dependência Química. Função Materna.

This review article aims to show the importance of the Social Skills Inventory (IHS - Del Prette) facing the family environment, where parents are often a major factor for their children to have a deviant behavior, i.e. they become addicted. This study will highlight the emergence of such importance as occurs through the process of addiction by use of psychoactive substances and how to install it in the family. The family experiences during childhood and adolescence have been recognized as important influences in relation to juvenile delinquency and adult criminal behavior, as well as in relation to drug abuse, both among adolescents as among adults. Therefore, there is interest and relevance to assess the influences that exert the aforementioned variables in the chemical dependency patients.

KEYWORDS

Social Skills. Chemical Dependency. Maternal Function.

1 INTRODUÇÃO

O uso abusivo de drogas tem assumido cada vez mais um lugar de destaque nos debates da atualidade. De maneira crescente, os dados relacionados a esta temática denotam informações acerca dos amplos dispêndios sociais e dos desafios frente à necessidade de espaços para a atenção integral às pessoas que vivenciam a dependência do uso da droga. É fundamental lembrar que a droga é apenas um dos fatores da tríade que leva à dependência. Os outros dois são o indivíduo e a sociedade, na qual droga e indivíduo se encontram (DIEHL, 2011, p. 26). De acordo com Azevedo (2002, p. 13) a medicina define “droga” como toda e qualquer substância, natural ou sintética que, introduzida no organismo, é capaz de alterar suas funções, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento. Em princípio, todas as drogas são produzidas com o objetivo de tratamento ou diagnóstico de doença ou distúrbios físicos e mentais.

Dependência é o consumo sem controle, geralmente associado a problemas sérios para o usuário. A síndrome de dependência, segundo a Classificação Internacional de Doenças, CID-10 (Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamentos da CID-10) é descrita por um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos, no qual o uso de uma substância ou uma classe de substância alcança uma prioridade muito maior para um determinado indivíduo que outros comportamentos que antes tinham valor. A dependência química, como um grave problema de saúde pública, necessita de atenção especial. Portanto, a dependência química é algo atual para se discutir, uma vez que somente a partir da segunda metade do século passado o conceito de dependência deixou de ser focado como um desvio de caráter, ou apenas como um conjunto de sintomas, para ganhar contornos de transtorno mental com características específicas.

Tais contingências (foco da próxima seção) são decisivas na manutenção ou mudança dos padrões de comportamentos sociais efetivos ou inefetivos ao longo da história da espécie humana. Estudos nas últimas décadas têm revelado que déficits em habilidades sociais (HS), fraca competência social ou inabilidade para enfrentamento dos desafios da vida estão relacionados a distúrbios e transtornos psicopatológicos, dificuldades de aprendizagem escolar, desajustes sociais, transtornos de conduta, delinquência e a fatores de vulnerabilidade para o desenvolvimento de problemas psicossociais, como depressão, solidão, ansiedade social e abuso de álcool e de outras drogas.

Como afirma Lenardt e Roehrs (2008) o consumo de drogas psicoativas é considerado problema de ordem social, não somente em função de sua alta frequência, mas principalmente devido às consequências prejudiciais para a saúde dos indivíduos e, consequentemente, para a sociedade. De acordo com Rocha (2004, p. 45) o uso de psicofármacos na infância e adolescência está se tornando mais frequente, com a disponibilidade de novos medicamentos e o crescimento do conhecimento sobre diagnóstico de transtornos emocionais nessa faixa etária.

Segundo Braga e Bastos (2004) no Brasil, os problemas relacionados com o abuso de drogas ou substâncias psicoativas são cada vez mais objeto de preocupação por parte das famílias, profissionais de saúde e de educação e autoridades governamentais, em decorrência do crescente aumento de consumo pela população, especialmente dentre os jovens. O conjunto dessas práticas abusivas acarreta um alto custo social, além de pesados sofrimentos físicos e morais aos usuários, as famílias e à comunidade como um todo.

Segundo Pratta (2006) a questão do uso abusivo de drogas na atualidade corresponde a um problema proeminente e abrangente, em nível mundial, envolvendo diversas instâncias, uma vez que esse não diz respeito apenas ao usuário de substâncias psicoativas, caracterizando-se, portanto, como um grave problema social e de saúde pública. Como afirma Laranjeira *apud* Pratta (2006) poucos fenômenos sociais acarretam mais custos com justiça e saúde, dificuldades familiares, e notícias na mídia do que o consumo abusivo de álcool e droga.

De acordo com Galduróz *apud* Pratta (2006) a dependência de drogas é considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma doença que requer cuidados específicos. Como qualquer outra doença, ela pode ser tratada e controlada, devendo ser encarada, simultaneamente, como uma doença médica crônica e um problema social. Entretanto, há uma resistência muito grande, tanto por parte dos próprios dependentes quanto por parte dos familiares, em aceitar que o consumo de drogas é uma doença.

1.2 DROGAS PSICOATIVAS NO AMBIENTE FAMILIAR

Segundo Liddle & Dakof *apud* Schenker & Minayo (2003, p. 301) a família tem um papel importante na criação de condições relacionadas tanto ao uso abusivo de drogas pelo adolescente quanto aos fatores de proteção, funcionando igualmente como antídoto, quando o uso de drogas já estiver instalado. Uma vez que a família é um dos elos mais fortes dessa cadeia multifacetada que forma o uso abusivo de drogas instaurado na adolescência, muitas abordagens terapêuticas são "baseadas na família" e abrangem os fatores intrafamiliares, intraindividuais e socioculturais, de forma sistêmica.

Como afirma Cia (2006) a importância da qualidade da relação pais-filhos sobre o desenvolvimento das crianças tem sido atestada por muitos estudos nos últimos anos. Alguns deles correlacionam práticas educativas inadequadas a problemas no desenvolvimento cognitivo e social e no desempenho acadêmico dos filhos. Segundo Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg e Ritter *apud* Pacheco (1999), pais classificados como indulgentes são tolerantes e calorosos. Exercem pouca autoridade, fazem poucas exigências por comportamento maduro e permitem uma considerável autorregulação por parte dos filhos. Por outro lado, pais considerados negligentes tendem a não monitorar o

56 | comportamento de seus filhos ou importar-se com seus interesses. Os pais indulgentes envolvem-se com seus filhos. Em contraste, os pais negligentes, frequentemente estão preocupados com seus próprios problemas.

De acordo com Murta (2005) embora a construção de um repertório socialmente habilidoso possa ocorrer em interações, em contextos naturais sem treinamento formal, como no relacionamento entre pais e filhos, irmãos, colegas de escola, amigos e cônjuges, comumente falhas ocorrem neste processo de aprendizagem, ocasionando déficits relevantes em habilidades sociais. Segundo Gomide *apud* Guimarães (2009) a família é um lugar privilegiado para a promoção da educação. Mesmo que o jovem passe a conviver mais em outros ambientes, como escola, clubes e shoppings, é no seio da família que os valores morais e os padrões de conduta são adquiridos. Somente quando esses valores morais não são adquiridos adequadamente durante a infância é que os outros ambientes poderão ter influência de risco na adolescência.

1.3 ADOLESCENTES E O USO DE DROGAS

Como afirma Kessler (2003) o consumo de tabaco por adolescentes escolarizados dobrou nos últimos quinze anos. O primeiro levantamento domiciliar sobre uso de drogas realizado no Brasil mostra uma prevalência de dependência de álcool, em adolescentes de 12 a 17 anos.

Segundo Figlie & Moraes *apud* Orth (2004) no que diz respeito ao começo do uso de substâncias psicoativas, a adolescência é apontada pela literatura científica como uma fase do desenvolvimento do indivíduo em que surge como consequência das mudanças decorrentes do ciclo vital individual de transição desenvolvimental, na qual o jovem experimenta novas condutas, abandonando um lugar infantil, buscando autoafirmação social através de sua inserção em diferentes grupos e começa a ter relações de amizade e íntimas com pessoas que não integram o meio familiar. De acordo com West, Merikangas, Cotton *apud* Figlie (1979) filhos de dependentes químicos apresentam risco aumentado para transtornos psiquiátricos, desenvolvimento de problemas físico-emocionais e dificuldades escolares. Dentre os transtornos psiquiátricos, apresentam um risco aumentado para o consumo de substâncias psicoativas, quando comparados com filhos de não dependentes químicos, sendo que filhos de alcoolistas têm um risco aumentado em quatro vezes para o desenvolvimento do alcoolismo.

De acordo com Aliane (2006) o desenvolvimento da dependência pode ser considerado como parte de um processo de aprendizagem, no sentido de que alterações duráveis resultam da interação de substâncias psicoativas com seu ambiente. Ou seja, a dependência é o resultado de uma interação complexa entre os efeitos fisiológicos das substâncias psicoativas no cérebro e o que o usuário interpreta daquela situação, relacionando-a ao ambiente e consolidando como aprendizado.

1.4 TESTE DE HABILIDADES SOCIAIS (THS)

Segundo Del Prette; Z.A.P. (2001) o campo teórico-prático das Habilidades Sociais teve origem na Psicologia Clínica e do Trabalho, porém o programa de treinamento de Habilidades Sociais é altamente aplicado a diversos campos da Psicologia. Na base do desenvolvimento desse campo encontram-se os conceitos de Habilidades Sociais e Competências Sociais que qualificam um tipo especial de desempenho social. Conforme afirma Dell Prette e Dell Prette (2001) o desempenho social refere-se à emissão de um comportamento ou

seqüência de comportamentos em uma situação social qualquer. Já o termo Habilidades Sociais aplica-se a noção de existências de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar com as demandas das situações interpessoais. A Competência Social tem sentido avaliativo que remete aos efeitos do desempenho das habilidades nas situações vividas pelo indivíduo.

Como afirma Trower *apud* Dhiel (1995) a considerar as habilidades sociais como os “tijolos construtores” da competência social, isso significa que a disponibilidade de um repertório de habilidades sociais é condição necessária, mas não suficiente, para a competência social, que os dois termos não podem ser entendidos como sinônimos e que a definição de cada um deles remete necessariamente à definição do outro. A competência social é atributo avaliativo de um comportamento ou conjunto de comportamentos bem sucedidos – conforme determinados critérios de funcionalidade – em uma interação social. A seleção filogenética propiciou ao indivíduo humano um conjunto de características anatômicas, fisiológicas e comportamentais favoráveis à aquisição e ao aperfeiçoamento de comportamentos sociais que se mostraram importantes na sobrevivência da espécie.

Segundo Murta (2005) a identificação de habilidades sociais como um fator de proteção no curso do desenvolvimento humano tem estimulado intervenções para a aprendizagem destas habilidades entre grupos e contextos distintos, com populações clínicas e não clínicas. Não obstante os programas de treinamento em habilidades sociais tenham afiliações teóricas variadas, como teorias humanistas sistêmicas, cognitivistas e comportamentalistas, parecem predominar o uso de técnicas cognitivo-comportamentais em intervenção na área. Como afirma Bandeira (2000) o desenvolvimento da área das habilidades sociais cresceu juntamente com a necessidade de avaliação deste construto, que é definido como um desempenho e não como um traço. Enquanto desempenho, as habilidades sociais apresentam uma característica de especificidade situacional, o que pressupõe uma avaliação a partir de variadas dimensões situacionais e culturais.

1.5 HABILIDADES SOCIAIS E O RELACIONAMENTO ENTRE PAIS E FILHOS

O termo habilidades sociais refere-se ao conjunto de classes e subclasses comportamentais que o indivíduo apresenta para atender às diversas demandas das situações interpessoais; já a competência social deve ser entendida como a capacidade de o indivíduo organizar pensamentos, sentimentos e comportamentos em um desempenho que atenda adequadamente às demandas do ambiente social, supondo os seguintes critérios de avaliação: “consecução dos objetivos, manutenção ou melhora da autoestima e da qualidade da relação, equilíbrio de ganhos e perdas entre os parceiros da interação, respeito e ampliação dos direitos humanos” (DEL PRETTE; Z.A.P., 2001, p. 34).

Como afirma Del Prette *apud* Cia (2006) no contexto familiar das relações pais filhos, o desempenho dos pais é representado por uma variedade de habilidades sociais educativas que podem influenciar o repertório comportamental dos filhos. Segundo Bolsoni-Silva e Marturano (2002) o termo habilidades sociais é tido, muitas vezes, erroneamente como sinônimo de assertividade, pois o campo do THS é mais amplo e promove resolução de problemas, habilidades de comunicação, além de expressão de sentimentos negativos e defesa dos próprios direitos.

Segundo Murta (2005) tais habilidades dizem respeito a comportamentos necessários a uma relação interpessoal bem-sucedida, conforme parâmetros típicos de cada contex-

58 | to e cultura, podendo incluir os comportamentos de iniciar, manter e finalizar conversas; pedir ajuda; fazer e responder a perguntas; fazer e recusar pedidos; defender-se; expressar sentimentos, agrado e desagrado; pedir mudança no comportamento do outro; lidar com críticas e elogios; admitir erro e pedir desculpas e escutar empaticamente, dentre outros.

2 METODOLOGIA

A pesquisa deste estudo foi realizada através de revisão bibliográfica onde foram pesquisados os periódicos do LILACS, SCIELO, PePSIC, Index Psi TCCs, Portal Revistas USP, Dicionário Biográfico em Psicologia no Brasil, através da plataforma da BVS Psicologia ULAPSI Brasil, além de literatura disponibilizada em bibliotecas. Para a pesquisa nos portais acima foram considerados os artigos dos últimos cinco anos localizados através dos descritores Habilidades Sociais, Dependência química e Função Materna.

3 CONCLUSÃO

Como afirma Pinheiro (2006), a forma de interação entre pais e filhos constitui fator relevante que interfere no repertório social dos filhos. Quando os pais apresentavam melhor repertório dessas habilidades, os filhos apresentaram maior frequência de comportamentos adequados; ao contrário, quando os pais apresentaram repertório pobre dessas habilidades, os filhos também apresentaram déficits interpessoais e comportamentos desadaptativos.

A prática da psicoterapia, conforme o Código de Ética da Psicologia (1999) tem por objetivo garantir o bem estar do cliente, não sendo diferente no caso da terapia comportamental que busca ajudar a pessoa a descrever as funções de seus comportamentos e desenvolver repertórios que lhe tragam reforçadores positivos e negativos. Parte destes repertórios, a serem promovidos, envolvem relacionamentos interpessoais, e o campo teórico-prático do Treinamento em Habilidades Sociais (THS) parece útil à Análise do Comportamento e à Terapia Comportamental, pois chama a atenção para comportamentos sociais passíveis de serem avaliados, sugerindo estratégias de intervenção efetivas, seja em atendimentos individuais, seja em grupos. Define o comportamento habilidoso como a emissão de um conjunto de atitudes, em uma determinada situação de interação social, com expressividade de sentimentos, desejos, opiniões, ou direitos adequados à situação, respeitando os envolvidos, possibilitando a resolução dos problemas imediatos e minimizados os problemas futuros.

Programas preventivos, como o treinamento de habilidades sociais (THS), desenvolvidas pelas organizações internacionais OMS e Organização PanAmericana de Saúde (OPAS), têm sido disseminados e implementados a fim de promover saúde e recursos potenciais de crianças e adolescentes, ensinando-lhes habilidade de vida. Possuem a finalidade de auxiliar os jovens a desenvolver comportamentos adaptativos, socialmente adequados e resistentes a risco.

REFERÊNCIAS

ALIANE, Poliana Patrício; LORENÇO, Lélío Moura; RONZANI, Telmo Mota. **Estudo comparativo das Habilidades Sociais de dependentes e não dependentes de álcool**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 1, p. 83-88, jan./abr. 2006. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v11n1/v11n1a10.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2013.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. **Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais.** Estudos de Psicologia 2002, 7(2), 227-235.

BRAGA, Violante A. B.; BASTOS, Anderson F. B. Formação do acadêmico de enfermagem e seu contato com as drogas psicoativas. **Texto Contexto Enferm**, 2004 Abr-Jun; 13(2):241-9.

CIA, Fabiana. Habilidades sociais parentais e o Relacionamento entre pais e filhos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 73-81, jan./abr. 2006.

DEL PRETTE, Z.A.P. & Del Prette, A. Avaliação de habilidades sociais: bases conceituais, instrumentos e procedimentos. In A. Del Prette & Z.A.P. Del Prette (Orgs.), **Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações** (pp. 187-229). Petrópolis: Vozes, 2009.

DHIEL, Alessandra. **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**/ Alessandra Diehl...[et al]. – Porto Alegre: Artmed, 2011.

FIGLIE, Neliana. Filhos de dependentes químicos com fatores de risco bio-psicossociais: necessitam de um olhar especial?. **Rev. Psiq. Clín.** 31 (2); 53-62, 2004. Disponível em: < http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:nM3IehE2FCUJ:scholar.google.com/+depend%C3%Aancia+quimica&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 15 set. 2012.

GUIMARÃES, Ana Beatriz Pedriali; HOCHGRAF, Patrícia Brunfentrinker; BRASILIANO, Slvia; INGBERMAN, Yara Kuperstein. Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas. **Rev Psiq Clín.** 2009;36(2):69-74. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v36n2/05.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

KESSLER, Felix. Psicodinâmica do adolescente envolvido com drogas. Universidade de Rio Grande do Sul, **R. Psiquiatr.** RS, 25'(suplemento 1): 33-41, abril 2003.

MURTA, Sheila Giardini. Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais: Análise da Produção Nacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, 18(2), pp.283-29. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v18n2/27480.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2013.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. **Estudos de Psicologia** 2006, 11(3), 315-322. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n3/09.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2013.

ORTH, Anaídes Pimentel da Silva; MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. Funcionamento de Famílias com membros dependentes de substâncias psicoativas. **Psicol. Argum.** 2008 out./dez., 26(55), 293-303. Disponível em: < http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:QjP15NzwHRkJ:scholar.google.com/+familias+e+dependentes+quimicos&hl=pt-BR&as_sdt=0>. Acesso em: 15 set. 2012.

PACHECO, Janaína T. B.; TEIXEIRA, Marco A. P.; GOMES, William B. Estilo Parentais e Desenvolvimento de Habilidades Sociais na Adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Maio-Ago 1999, Vol. 15 n. 2, pp. 117-126. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=teste+de+habilidades+sociais&btnG=&lr=>>>. Acesso em: 9 jan. 2013.

60 | ROCHA, Gibsi P.; BATISTA, Bianca H., NUNES, Magda L. Orientações ao pediatra sobre o manejo das drogas psicoativas e antiepiléticas. **Jornal de Pediatria** - Vol. 80, n. 2 (supl), 2004.

ROEHRS, Hellen; LENARDT, Maria Helena; MAFTUM, Mariluci Alves. Práticas culturais familiares e o uso de drogas psicoativas pelos adolescentes: reflexão teórica. Esc Anna Nery, **Rev Enferm** 2008 jun; 12 (2): 353 - 7.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **A implicação da família no uso abusivo de drogas:** uma revisão crítica. Núcleo de Estudos e Pesquisa em Atenção ao Uso de Drogas/Uerj, Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz. Av. Rui Barbosa, 716. 22250-020 Flamengo Rio de Janeiro RJ. mschenker00@hotmail.com 2 Centro Latino-Americano de Estudos da Violência, Fiocruz.

Recebido em: 8 de fevereiro de 2013

Avaliado em: 26 de fevereiro 2013

Aceito em: 26 de fevereiro de 2013

1 Diego Victor Belo Lima é acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes – FITS. e-mail: diegovictors@hotmail.com

2 Leila Milka e Freitas é acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes – FITS. e-mail: anjomadu@hotmail.com

3 Vanderlúcia Felix Amorim Silva é acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes – FITS. e-mail: vandinhafelix_psi@hotmail.com

4 Dalnei Minuzzi Delevati é Professor e Mestre da Faculdade Integrada Tiradentes – FITS. e-mail: dmdelevati@gmail.com